

Memórias de gente vulgar

de Armando Graça

Candidato pela Finiform ao RVCC
(Novas Oportunidades) Julho de 2010

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vírgula (Chancela Sítio do Livro)

TÍTULO: Memórias de gente vulgar

AUTOR: Armando Graça

CAPA: Sítio do Livro, Lda.

PAGINAÇÃO: Nuno Ferreira

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, Setembro 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-8413-08-6

DEPÓSITO LEGAL: 316916/10

© Armando Graça

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

DEDICATÓRIA

Aos que já me ajudaram a ser o que sou e aos que precisarei sempre para continuar este processo permanente de crescimento em saber ser e saber estar que é, em suma, a nossa vida:

*Meus pais,
Meus irmãos,
Mães que desejaram filhos meus,
Meus filhos e filhos dos meus filhos,
Meus inesquecíveis professores e mestres,
Meus tão poucos amigos mas de tão firme confiança,
Muitos que ouvi com apreço e me escutaram com atenção,
Eu, já que, bem ou mal, tento sempre aprender com os meus erros.*

Apresentação introdutória

Armando Jorge Graça, é o nome que me calhou e é igual, na sua estrutura, a muitos outros. É composto, como manda a tradição dos simples, por um nome próprio e dois apelidos. Só que nesta vida nada é assim tão simples e aquele nome tem características curiosas. Armando é nome, sim e vulgar, mas é na verdade um verbo conjugado no gerúndio. Os apelidos é que estão deslocados por serem mais conhecidos como nomes. Jorge é nome de santo guerreiro e vá-se lá agora saber como passou a apelido. Graça é sinónimo arcaico de dádiva, prenda ou oferta e é típico nome próprio feminino, normalmente antecedido da tradicional Maria, quando se pretende que esta não fique assim simplesmente, triste e sozinha. Daí o haverem tantas Marias da Graça, algumas sem nenhuma, coitadas. Mas tem fortíssimas ligações à religião católica, em expressões como, por exemplo, “pela graça de Deus” ou “Senhora da Graça”. Ao contrário do apelido paterno cuja origem se perdeu, aqui sei exactamente qual a sua razão de ser. Em tempos recuados, alguns conventos tinham a “roda” que era uma verdadeira instituição. Esta roda é semelhante à de uma nora, mas está na horizontal e embutida numa das paredes do convento. No lugar dos alcatruzes que transportam a água, estão umas cestas (berços). Na parede ao lado da roda há uma sineta. Então, pela calada da noite, as mães que não podiam sustentar os filhos ou que não os queriam, ou não podiam

declarar como seus, pelas mais variadas razões que não são para detalhar aqui por serem do foro privado de cada um e que temos de respeitar, iam depositá-los na roda, a qual, posta a girar, transportava anonimamente o recém-nascido para o interior do convento. Era então usada a sineta, para avisar do “depósito”. A estas crianças davam os monges o apelido de Graça ou o de Espírito Santo, com a justificação (que ninguém se atreveria a contestar) de terem ali nascido por “obra e graça de Deus ou do divino Espírito Santo” o que, para quem é crente, é uma espécie de “dois em um”, ou seja, é o mesmo. Muito bonito! Pois bem, contava o meu pai que um seu “tetra-avô” era padre e, pelos vistos, também era vivaço e que terá engravidado uma tal Maria do Ó, rapariga de olhos lindos e tida como a mais bonita lá da aldeia, a qual, presume-se, de prazer em prazer primeiro e, depois, de aflição em aflição, terá ido depositar na roda o incómodo e inconfessável rebento deste meu clérigo e anónimo antepassado. Ao que se consta, a roda do convento de Tomar terá dado muitas voltas...

Assim, está explicado porque tenho três nomes no nome e, vergonha das vergonhas, num país de machos latinos, um deles até é feminino!

Bem, posto isto, o melhor é mudar de assunto e avançar para o tempo que mais directamente levou ao aparecimento do meu tão simples mas atribulado nome.

O que levou ao meu natal...

1926. O serviço militar arranca o meu futuro pai, o aldeão José da Graça, à Freguesia das Areias, Concelho de Ferreira do Zêzere, terra bonita e altaneira, bem no centro do país e coloca-o num qualquer quartel de Lisboa. Como não há guerras à vista, calha aprender ali o ofício de barbeiro. O que era de esperar que acontecesse quando acabada a tropa? Que voltasse para as berças? Nem pensar! O melhor era mesmo manter a maior distância possível da enxada, da sardinha para dois, dos trabalhos pesados e mal pagos, quando eram, isto porque o patrão principal era o próprio pai, meu avô, Henrique da Graça de seu nome. Para mais, o José até era o mais velho de um rebanho de 13 filhos feitos a duas mulheres, a primeira das quais morreu na sequência do 5º parto... Ora o Zé era campónio mas não era “burro”, pelo que tratou de ficar pela capital onde trabalho não faltava e lá foi vivendo de uns cortes de cabelo e de umas barbas que, quando rapadas a fundo, tomavam o curioso nome de “escanhoadas”, termo hoje só conhecido por pessoas de muita idade.

Ligeiramente mais fina, culturalmente falando, mas com idêntica sorte e apenas uns 14 anitos por esta altura, a minha futura mãe, Etelvina Augusta Jorge, nascida em Lisboa, mas descendente de um Jorge oriundo de Alvaiázere, lá para os interiores de Coimbra e de uma Augusta, fugitiva

dos gelos agrestes das faldas da Serra da Estrela, no Concelho da Guarda. O Jorge trabalha nos armazéns do Casão, a antiga Manutenção Militar, enquanto a Augusta vai gerindo uma venda – misto de mercearia e taberna – situada na Rua do Grilo, ali para as bandas do Beato. Enquanto o único irmão que teve foi estudando e repetindo vários anos, ela fez o equivalente ao 6º ano de hoje, mas, a partir daí, com o irmão a fazer-se à vida trabalhando, nascem as desculpas: da necessidade de ajudas na loja; de que era perigoso uma rapariga andar sozinha por essas ruas de perdição, para aprender coisas que não fazem falta nenhuma a raparigas. E foi assim que a mãe a impediu de continuar a estudar. Uma lástima! Ela que até gostava de estudar e tinha um jeito muito especial para as letras, para o desenho e para trabalhos que requeressem sensibilidade manual. É nestes desafortunados enredos que o finório do Zé inventa falinhas mansas e a Etelvina se convence que, assim, se veria livre da mãe prepotente, das conversas “rançosas” de clientes caloteiros e dos profissionais do copo, sempre encostados ao balcão.

Não sei onde nem como viveram, mas sei que em 1929 aparece uma filha, Luísa, que viria a ser minha madrinha de baptismo. E nascem ainda mais dois, mas que se finam quase à nascença, um por disenterias permanentes e que não houve nada que as fizesse parar, outro por uma infecção provocada pela incompetência de uma parteira apressada que lhe arrancou prematuramente o cordão umbilical. Desgraças da saúde desses tempos. Por essas tristes razões ou outras que desconheço, o certo é que alguma coisa gerou uma pausa nesses afazeres porque, só em 1943 é que volta a surgir outra fornada, de péssima qualidade, é certo, pois o meu irmão Álvaro, de disenteria em disenteria, já era chamado de “o

morto-vivo” pelas enfermeiras do dispensário, uma versão pobrezinha, mas honrada do Serviço Nacional de Saúde da época.

É por estas alturas que os partos começavam a deixar de ser feitos em casa, onde mães e tenros rebentos eram assistidos, sabe-se lá como, por parteiras mais ou menos curiosas e com resultados como os já comentados. E foi assim que este casal, que não queria e não devia ter mais filhos, vai fazer outro, nos princípios de 1945, fruto de compensadores aconchegos das noites frias, sem rádios, nem incomodativos meios de controlo das natalidades, hoje pomposamente chamados de meios auxiliares de Planeamento Familiar, mas que, lamentavelmente, continuam envoltos em tabus e preconceitos altamente perniciosos.

A conclusão, o meu Natal, por assim dizer e com o perdão do exagero do estatuto, vai acontecer numa tempestuosa noite da véspera de S. Martinho, ou seja, no dia 10 de Novembro de 1945, entre paredes ainda pintadas de fresco de uma qualquer enfermaria da então moderna, exemplar e orgulho da Nação, Maternidade de Alfredo da Costa.

Para além dos detalhes ginecológicos e obstétricos que, nesse tempo, eram temas vergonhosos e proibidos em conversas com crianças, contava entre sorrisos meigos e restos de angústias passadas, que lhe custei um ano sem as quentes e boas castanhas cozidas com erva doce... Sim! Isso é que lhe custou mesmo, porque essa coisa de estar num Hospital, ser destapada, mirada e remexida por uns rapazinhos que se diziam médicos e que andavam por ali a estudar comportamentos, detalhes e minudências femininas, não era mesmo nada do outro mundo... Coitada! É fácil de imaginar: Ela que, aos oitenta e tais, ia morrendo de vergonha por causa

de um útero que, salvo seja, já não se tinha nas pernas e que a obrigou a pôr uma espécie de muleta, artefacto mais conhecido por DIU (Dispositivo Intra-uterino) e que, ironia das ironias, foi inventado para o já citado Planeamento Familiar. Ela que, também por essa altura, nem sabia de que grupo era o sangue que lhe corria nas veias. Outros tempos, outras épocas, misérias de sempre!

A primeira casa onde vivi

Nessa altura, fruto de um regime que precisava urgentemente de mostrar serviço, vinham também nascendo, na cintura periférica de Lisboa, os chamados Bairros das Casas Económicas: Madre de Deus, Ajuda, Alvito, Benfica, Encarnação. Os meus pais foram desalojados do Grilo, por causa da construção vizinha do Bairro da Madre de Deus, onde agora moram Generais e cujas casas se vendem por verdadeiras fortunas. Como compensação do desalojamento, coube-lhes em sorte uma casa, na altura situada, lá para os lados do longínquo Aeroporto da Portela, no Bairro da Encarnação que, nesse tempo, ainda estava rodeado de quintas e onde nem os autocarros da Carris chegavam. Foi por isso que o José comprou uma bicicleta que o transportava, à força de pedalar e ao fim de um dia de trabalho em pé, do Poço do Bispo ao Bairro da Encarnação, por estradas empedradas com paralelepípedos de granito, dentro de Lisboa e de basalto fora dela e até alguns caminhos de terra batida que ele usava, quando o tempo permitia, para encurtar distâncias e contornar declives mais acentuados. Talvez por estas e por outras é que ele era rijo que nem um cepo, saudável que nem um carvalho e a minha mãe, verrinosa e quando já cansada de o aturar, afirmava que em “erva daninha não entra moléstia”... O certo é que, como veremos, veio a falecer quase aos 97 anos, por causa de umas canalizações obstruídas ou, dito mais clinicamente, de umas carótidas esclerosadas.

Mas voltemos à casinha que era nova e portanto, com canos e torneiras ainda a brilhar. A distância era o grande defeito, mas como nem tudo pode ser mau, era uma vivendinha de dois pisos, geminada, o que significa que tinha outra igual colada ao lado. Em cima, tinha dois quartos e entre eles, pasme-se, uma casa de banho, com duche da última geração, como diriam os vendedores da “banha da cobra” de hoje, com as fenomenais características técnicas de: 20 litros de memória aquífera, nome pomposo para um balde dependurado no teto, sendo a água tirada à mão da torneira ou de panelas aquecidas ao lume; um sofisticado sistema operativo de corrente e maçaneta, copiado dos autoclismos que também eram o *must* da época, estes para lavar e levar, de novíssimas sanitas, os mais variados dejectos que o ser humano produz numa abundância escandalosa e que o Tejo absorvia directamente e sem se queixar! Nesse tempo é que teria sido um feito glorioso ter políticos que nadassem naquele caldo de cultura, exibindo-se, em plena campanha eleitoral, para as câmaras da TV!!!

Valerá a pena lembrar que isto se passa no ano em que nasci, ou seja, em 1945. Os índices de poluição do estuário do Tejo chegaram, até há bem pouco tempo, a níveis verdadeiramente insustentáveis. Como se pode constatar na recolha efectuada sobre este tema (ver Anexos – Poluição do Rio Tejo), em 2006 a situação era ainda escandalosa. No início de 2009 e com conclusão prevista para 2010, a Câmara Municipal de Lisboa “apresenta o plano que visa acabar com o desaguar dos esgotos de mais de cem mil habitações no Rio Tejo”. É certo que alguma coisa se vai fazendo, tanto assim que, em Fevereiro deste ano, é noticiado o retorno dos golfinhos ao Tejo. Porém, em Abril, já os noticiários referem que a União Europeia notificou a Espanha por um eventual incumprimento da Directiva-Quadro